



APRENDENDO FÍSICA COM AS MÃOS

Francisco Mizael de Carvalho; Evaldo Leal Filho, Francílio Vieira Aguiar

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí-IFPI, Campus Picos/ misaellutero16@hotmail.com

Resumo: Ensinar física nos dias atuais não parece ser uma tarefa fácil, nem tão pouco aprender essa disciplina que para muitos alunos é vista como um "monstro". Isso devido alguns fatores, como a falta de curiosidade por parte dos aprendizes e a falta de inovação tecnológica por parte dos professores. Agora imagina aprender essa disciplina usando apenas as mãos, sem comunicação oral? Pois essa é a proposta dessa pesquisa. Onde trata-se do desenvolvimento de um projeto que visa ensinar a física usando apenas a Língua brasileira de Sinais-LIBRAS, como ferramenta de ensino para alunos deficientes auditivos em escolas regulares de ensino. Para tanto foi realizado um minicurso/oficina na XII Semana de Matemática e Física do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí-IFPI sobre o projeto, e na ocasião foi realizado aulas práticas usando a libras como único método de ensino. O minicurso foi realizado em dois dias com uma carga horaria de quatro horas. Onde pode-se discutir sobre o ensino da física para deficientes auditivos. O foco foi apresentar para alunos de graduação métodos de ensino de física para o aperfeiçoamento e a inclusão em sala de aula regular. O minicurso contou com a participação de 54 pessoas inscritas, sendo ouvintes e surdos. E durante a realização do minicurso pode-se analisar a opinião e algumas ideias entre pessoas surdas e ouvintes que foi discutida ao longo do trabalho. De maneira geral o minicurso serviu para despertar nos estudantes de graduação a curiosidade pela cultura surda, e ver que é possível ensinar libras só com as mãos.

Palavras-chaves: Ensino de física. Libras. Educação especial.

Introdução

Até o final do século XX a escola se restringia a penas a burguesia, uma classe privilegiada da sociedade brasileira que tinha acesso à educação, por tanto nessa época a maioria da população nacional era excluída da escola.

Anos depois quando as escolas começaram a se universalizar e a educação passou a ser um direito de todos, isto porque a constituição de 1988 garante que a educação básica que é dividida entre ensino fundamental e ensino médio é de direito do município e do estado, com isso passou a ter outro tipo de exclusão, agora para com as pessoas com necessidades educacionais especiais.

Os surdos, ao qual esta linha de pesquisa está direcionada foram uns dos mais afetados, isso porque não se enquadravam nos padrões homogeneizadores da escola (BRASIL, 2008). E isso se estendeu por algumas décadas até chegar aos dias de hoje, em pleno século XXI.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Só em 1857, conforme a Revista Inclusão-Revista da Educação Especial (2008, p. 10, v.1) foi criado o Instituto dos Surdos Mudos, atual Instituto Nacional da Educação dos Surdos (INES). Onde os mesmos começaram a ter oportunidade e acolhimento, mesmo que de forma limitada.

De acordo com as informações colhidas na Revista Inclusão-Revista da Educação Especial (2008, p. 9, v.1), os princípios da educação inclusiva, a educação especial foi organizada como atendimento educacional especializado, com diferentes compreensões, modalidades e terminologias que levaram a criação de instituições especializadas, escolas e classes especiais.

Este trabalho busca analisar a introdução da LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais) no ensino da física para os deficientes auditivos, como uma forma facilitadora no ensino-aprendizagem da disciplina no ensino médio.

Para isso, foi utilizado dados de uma pesquisa feita a alunos de graduação em física durante a participação em uma oficina sobre a física em libras e como aprender para passar para os alunos com surdez e que usa a libras como única forma de comunicação.

Metodologia

Foi realizada um minicurso/oficina sobre o ensino da física com as mãos na XII semana de matemática e física do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologias do Piauí-IFPI, campus Teresina central no mês de junho de 2016. O minicurso foi realizado pelos alunos do curso de licenciatura em física e pela aluna deficiente auditiva da escola estadual Landri Sales em PICOS-PI.

O minicurso foi realizado em dois dias com uma carga horaria de quatro horas. No primeiro dia foi apresentado a libras, a cultura surda, o alfabeto manual e falado algumas formulas da física em libras.

No segundo dia foi explicado que o surdo é visual e não oral; ou seja, para trabalhar com eles tem que saber usar a parte prática e usar como demonstração. E foi justamente isso que foi feito em seguida, ao pedir para todos os alunos encher uma m o balão de ar e segurar.

Em seguida um dos ministrantes do curso exibiu em slides a terceira lei de Newton e explicou que para toda força de ação a uma força de reação e pediu para que soltasse a bexiga e quando os alunos soltaram a bexiga saiu em repulsão.

No final do minicurso foi aplicado um teste para uma aluna surda pergunta o que ela achava da proposta de ensino. No questionário continha três perguntas sobre o minicurso realizado.

Resultados e Discussão

Depois de encerrado todo o minicurso a aluna surda respondeu o questionário que lhe foi entregue. A primeira pergunta era: você concorda com esse método de ensino de física? Para resposta ela disse que sim.

A segunda pergunta foi: você acredita que é possível professor de física aprender a libras para ensinar alunos com deficiência auditiva? Se sim, porque? Para resposta ela disse que sim, uma vez



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

que a libras está ao alcance de todos e que se o professor tiver interesse ele aprende e acrescentou dizendo que o problema é que os alunos surdos nas escolas são vistos como só mais um coitado que não vai a lugar nenhum.

Na terceira pergunta dizia assim: As aulas práticas e as formulas em libras contribui de qual maneira para o aprendizado de um aluno surdo? A jovem de primeiro ano do ensino médio respondeu dizendo: contribui muito, uma vez que nós somos visuais, e não tem como a gente aprender se não for vendo e pegando com as mãos; tem professores que vai dar aula e eles até falam alto pensa que a gente escuta ou faz leitura labial, esquecendo que poucos surdos são oralizados.

Ao analisar as respostas, pode-se perceber que o aluno surdo tem uma visão diferente, ele consegue compreender fácil só olhando e as vezes isso não lhe é oferecido na escola, pois como não consegue ouvir o que o professor fala em classe ele acaba desestimulado porque em poucos escolas existe aulas práticas de ciências, como também interprete de libras e muito menos professores de outras áreas que saiba um pouco a libras.

Conclusões

O que percebe-se é que o aluno com deficiência auditiva tem pouca participação nas aulas em geral. E sem o auxílio da libras fica quase impossível alguma comunicação entre o corpo docente e o aluno.

Por um lado um professor se sentindo limitado, por não saber se comunicar com um aluno especial devido a sua falta de capacitação, e de um outro lado um aluno excluído e entregue a uma sala de aula sem os mesmos direitos que os demais alunos.

Nesse caso enfatizado nessa proposta, que é o ensino da física com o auxílio da libras, pode-se observar que houve grande incentivo para a aluna surda pois ela tinha liberdade para opinar e perguntar o porquê do fenômeno ou do sinal em libras.

De maneira geral a oficina serviu para despertar nos estudantes de graduação a curiosidade pela cultura surda, a libras e como podemos fazer acontecer a aprendizagem nos nossos alunos e que isso depende somente da força de vontade de nós professores.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Referências Bibliográficas

BRASIL. Ministério da Educação. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. LDB 4.024, de 20 de dezembro de 1961.

BRASIL. Ministério da Educação. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. LDB 5.692, de 11 de agosto de 1971.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. Caminhos Pedagógicos da Inclusão. Disponível em: <http://www.educacaoonline.pro.br/art_caminhos_pedagogicos_da_inclusao.asp>. Acesso em: 10 ago 2005.

Revista Inclusão-Revista da Educação Especial. 2008. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/revinclusao5.pdf>